

Bric tem longo caminho para se tornar um bloco

Especialistas veem avanços nas cúpulas de líderes dos países emergentes, mas ressaltam as divergências e assimetrias que existem entre as nações que formam o grupo

Sílvio Ribas
sribas@brasileconomico.com.br

Apesar dos avanços obtidos pela segunda cúpula do Bric – Brasil, Rússia, Índia e China –, as diferenças estruturais entre esses países ainda se revelam maiores do que as convergências. A reunião dos chefes de Estado e de governo, realizada quinta-feira em Brasília, reforçou a articulação política dos maiores emergentes em torno do interesse de ampliar sua influência nos rumos da economia mundial. Especialistas ouvidos pelo **BRASIL ECONÔMICO** discordam, contudo, da capacidade do Bric de atuar como bloco e não apenas como fórum diplomático. Em paralelo, os governos reconhecem grande espaço para cooperação em áreas como a tecnológica e a financeira.

“As assimetrias entre os quatro países e suas respectivas projeções de poder na política internacional são marcantes, dificultando a aliança efetiva tanto em termos defensivos (bloqueio e veto) quanto ofensivos (agenda comum e ação coordenada)”, afirma o pesquisador Carlos Pio, da Universidade de Brasília (UnB). Ele aponta distorções por trás da sigla criada pelo economista do Goldman Sachs Jim O’Neill, em 2001,

Discussão sobre a reforma política das Nações Unidas, defendida pela Índia e, sobretudo, pelo Brasil, se choca com o desinteresse de Rússia e de China ceder espaços como membros efetivos do Conselho de Segurança

que vão do poderio militar de cada membro aos graus de inserção no comércio global, do ritmo de crescimento e de relações com os Estados Unidos. “O pleito de Brasil e Índia de mudar a ONU esbarra na Rússia e China, que não querem dividir poder no Conselho de Segurança”, diz.

Apesar disso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva explicita ambições do Brasil em ocupar posições destacadas numa futura governança global. No discurso de anfitrião da cúpula, afirmou que o grupo tem papel fundamental na construção de nova ordem internacional, “mais justa, representativa e segura”. Carlos Pio acredita que a reforma das agências financeiras multilaterais é até objetivo comum dos Brics, mas “não há muita identidade” entre os quatro sobre o que exigir do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (Bird) e da Organização Mundial do Comércio (OMC). “Todos estão se tornando economias de mercado, dependentes do comércio externo (sobretudo a China) e grandes credores”, observa.

Embora queiram reduzir o peso político e econômico dos EUA, nenhum membro também poderia substituir o papel do mercado americano, maior importador mundial, e



de Washington como líder da defesa de regras internacionais liberais de comércio. “Em meio a essa realidade, o Bric já se coloca como pólo de poder. A última cúpula e a primeira, de Yekaterinburg (Rússia, 2009), já serviram para desfazer arestas, estimular negócios e ajustar posições no cenário externo”, avalia Amado

Luiz Cervo, historiador da UnB. Ele vê a urgência de melhorar no diálogo bilateral do Brasil com a Índia para, por exemplo, abrir o mercado agrícola. Pragmático, o primeiro-ministro Manmohan Singh já declarou que, antes de sócio, a Índia também é uma concorrente do Brasil no mercado global.

PERFIS DISTINTOS

Características e posições de cada integrante do Bric no contexto global

	CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU	GOVERNANÇA GLOBAL	ARSENAL NUCLEAR	ALTERNATIVA AO DÓLAR	OUTROS FÓRUMS
	Em campanha para se tornar membro efetivo	Defesa enfática da reforma de órgãos multilaterais	Não tem e defende uso pacífico da energia atômica	Defende uso de moedas locais no comércio bilateral	Articulações no G20, no Mercosul, Ibas, OEA e outros
	Membro efetivo e resistente à abertura de vagas	Defesa genérica da reforma de órgãos multilaterais	Dono do segundo maior arsenal nuclear do planeta	Defende uso de moedas locais ou de cestas de moedas	Membro do G8, com ação diplomática com EUA e UE
	Candidato a se tornar membro não permanente	Defesa genérica da reforma de órgãos multilaterais	Importante poderio nuclear e tensões com vizinhos	Quer estudos sobre uso de moedas locais no comércio	Articulações no G20, Ibas e no bloco de países asiáticos
	Membro efetivo e resistente à abertura de vagas	Expectativa de ocupar espaços deixados pelos EUA	Importante poderio nuclear e tensões com vizinhos	Quer estudos sobre uso de moedas locais no comércio	Peso sobre regimes comunistas e o bloco asiático



Líderes dos Brics: bloco ainda precisa superar as diferenças entre seus membros

O presidente russo, Dmitry Medvedev, tem dado apoio genérico às bandeiras do Bric de reformas para se evitar novas crises financeiras globais, mas tem de lidar com uma economia interna marcada pelo pouco dinamismo empresarial, ainda afetada pelo peso estatal dos tempos soviéticos. “O mercado consumidor de carnes russo deverá ter um papel

importante para os frigoríficos brasileiros, fato que já torna a aproximação dos países estratégica”, disse Cervo.

O presidente chinês Hu Jintao, é o chefe de Estado do país que efetivamente lidera economicamente os países emergentes, com as maiores taxas de crescimento e impacto direto no mundo. ■

Banco russo quer cartão BNDES

Presidente de instituição brasileira fará visita à Rússia em junho próximo

Simone Cavalcanti
scavalcanti@brasileconomico.com.br

A criação de um banco de fomento comum ao Brasil, Rússia, Índia e China (Bric) ainda está no campo das intenções e precisa de longo caminho para maturar. No entanto, isso não impede que experiências bem-sucedidas já possam ser adotadas pelas instituições envolvidas. E, por enquanto, o que se mostra mais interessado na cooperação imediata com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) é o russo Vnesheconombank (Banco para o Comércio Externo). Está marcada para junho uma visita do presi-

“ A segunda cúpula do Bric, em Brasília, mostrou que podemos e devemos tratar de outros pontos da agenda global, como o tráfico de drogas, o crime organizado e o terrorismo

Dmitry Medvedev,
presidente da Rússia

O Bric não é apenas uma sigla. Avançamos como grupo que tem papel fundamental para a construção de uma nova ordem mundial, mais justa, representativa e segura

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente do Brasil

“ Considero muito importante que intensifiquemos o comércio entre os países do Bric, ajudando assim a promover uma forte retomada no crescimento da economia mundial

Hu Jintao,
presidente da China

A participação em fóruns como o dos Brics é uma forma de nos fortalecer para enfrentar problemas globais que impactam a Índia, entre eles as questões financeira e ambiental

Manmohan Singh,
primeiro-ministro da Índia

dente da instituição brasileira, Luciano Coutinho, à sede do banco, em São Petersburgo.

Em conversas que antecederam a cúpula do Bric, que aconteceu em Brasília essa semana, o chefe do banco russo, Vladimir Dmitriev, fez o convite a Coutinho. O executivo está interessado em implantar em seu país um similar do cartão BNDES. O facilitador de crédito brasileiro foi criado em 2003 e, desde lá, já registrou desembolsos de R\$ 5 bilhões dos quais 97% foram para micro e pequenas. O sistema conta hoje com 12 mil fornecedores e 9,2 mil distribuidores nos quais os empresários podem comprar pagando com seu cartão, cujo limite foi ampliado recentemente para a R\$ 1 milhão.

Depois de passar pela Rússia, o representante do BNDES

deve desembarcar em território chinês — ainda sem data marcada, mas ainda em 2010 — para conversas com o China Development Bank (CDB). “Mas, se para criar uma associação com países de mesma cultura já demora, como foi o caso do Mercosul, o que dirá com países tão distintos”, ressalta uma fonte do banco de fomento brasileiro.

Na quinta-feira à noite, os quatro presidentes assinaram um memorando de entendimento entre os bancos de desenvolvimento com o objetivo de constituir uma associação permanente. O entendimento dos governos é o de que essa união pode viabilizar os projetos de infraestrutura dos quais os integrantes do Bric precisam para estabelecer seu crescimento econômico de longo prazo. ■

PODER DOMÉSTICO

Maior e mais estável democracia da América do Sul

Democracia com forte poder de intervenção estatal

Parlamentarismo, maior democracia do planeta

Estado policial, ditadura do Partido Comunista

ECONOMIA

Parque industrial variado, empresariado dinâmico

Baixa diversificação, ênfase em energia e no Estado

Parque industrial limitado, dinamismo empresarial

Parque industrial diversificado, dinamismo estatal